

PSICANÁLISE

David Léo Levisky

# Um monge no divã

*A trajetória de um adolescer na  
Idade Média central*

**Blucher**

# UM MONGE NO DIVÃ

*A trajetória de um adolescer  
na Idade Média Central*

David Léo Levisky

*Um monge no divã: a trajetória de um adolescer na Idade Média Central*

2025 © David Léo Levisky

Editora Edgard Blücher Ltda.

*Publisher* Edgard Blücher

*Editor* Eduardo Blücher

*Coordenador editorial* Rafael Fulanetti

*Pré-produção* Aline Fernandes

*Coordenação de produção* Andressa Lira

*Produção editorial* Lidianne Pedroso Gonçalves

*Preparação de texto* Helena Miranda

*Diagramação* Negrito Produção Editorial

*Revisão de texto* Maurício Katayama

*Capa* Leandro Cunha

*Imagem da capa* iStockphoto

## Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

**contato@blucher.com.br**

**www.blucher.com.br**

Segundo o Novo Acordo Ortográfico,  
conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico*  
*da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira  
de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial  
por quaisquer meios sem autorização  
escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela  
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Levisky, David Léo

Um monge no divã : a trajetória de um adolescer  
na idade média central / David Léo Levisky. – São  
Paulo : Blucher, 2025.

420 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2586-7

1. Idade Média – História – Estudo e ensino  
2. Psicologia 3. Adolescência I. Título

25.0201

CDD 930

Índice para catálogo sistemático:

1. Idade Média – História – Estudo e ensino

# Conteúdo

Prefácio	11
<i>Hilário Franco Júnior</i>	
Uma história de muitas questões	17
<b>Primeira parte</b>	<b>27</b>
Uma análise histórico-psicanalítica	29
<b>Segunda parte</b>	<b>79</b>
A trajetória de um adolescer na Idade Média Central	81
Outono	83
Inverno	141
Primavera – <i>pubertas</i> /primeira fase ou início da adolescência	223
Verão (resolução da adolescência)	345
Considerações finais	365

Posfácio: um psicanalista no bosque de Clio <i>Renato Mezan</i>	375
Bibliografia	401

# Prefácio

*Hilário Franco Júnior*

Ao longo do último século, quase todos os campos do conhecimento humano expandiram-se fortemente, em maior ou menor medida, e, assim, suas zonas fronteiriças foram se interpenetrando de forma profunda. É, sem dúvida, nessas áreas limítrofes, de identidades complexas, que ocorrem os grandes saltos qualitativos das ciências atuais. Contudo, em uma das zonas em que mais se esperaria o diálogo e o enriquecimento recíproco existe a prevalência da desconfiança, quando não a indiferença ou mesmo certa hostilidade: o campo de contato entre a História e a Psicologia, sobretudo a Psicanálise. O fato, afinal, talvez não seja tão inesperado assim, talvez apenas expresse a dupla condição da natureza humana que essas disciplinas estudam mais do que quaisquer outras. Com efeito, apesar de tentativas inovadoras mais ou menos bem-sucedidas conforme cada caso, há 25 séculos a velha História pensa no coletivo enquanto há pouco mais de cem anos a vocação da jovem Psicanálise privilegia o olhar sobre o indivíduo.

Todavia, nem Heródoto descurou dos indivíduos nem Freud da sociedade. Poucos historiadores ousariam negar atualmente a importância das emoções ao longo dos séculos no comportamento

dos homens, isolados ou em grupo, tampouco as motivações inconscientes nas decisões individuais ou coletivas que afetam o desenrolar histórico. Nem por isso eles recorrem de forma sistemática e rigorosa ao instrumental psicanalítico. De seu lado, poucos psicanalistas ousariam minimizar o peso do enquadramento histórico amplo e restrito, isto é, social e familiar, nas patologias que tratam na sua prática clínica. Mas isso não os leva a manipular de forma constante e meticulosa o material historiográfico. A constatação correta de Peter Gay segundo a qual “o historiador profissional tem sido sempre um psicólogo amador” é válida também no seu inverso: todo psicanalista é um historiador amador.

Diante dessa situação, já se entrevê a importância do livro que o leitor tem em mãos. David Levisky, apesar de décadas de clínica psicanalítica, não se acomodou com a “falta de conexão entre áreas complementares do conhecimento humano, cada uma delas funcionando em sistemas fechados”, e buscou examinar um caso particular e expressivo de “desenvolvimento do aparelho psíquico em sua interface com a cultura”. É tranquilizador constatar que nosso autor permanece imune aos radicalismos que tentam decodificar o ser humano ou apenas pela psique ou apenas pelo contexto, ou ainda apenas pelos genes. O alerta de Edgar Morin está bem vivo na análise de David Levisky: “a chave da cultura está na nossa natureza e a chave da nossa natureza está na cultura”. Em louvável ousadia científica, ele não escolheu um objeto de estudo temporal e culturalmente mais próximo do analista, uma personalidade brasileira do século XX, por exemplo. Aceitou o desafio que lhe propusemos e colocou no divã um monge medieval, Guibert de Nogent. Assim, mais do que “assimilar e integrar à identidade psicanalítica um perfil histórico como parte do meu instrumental de avaliação”, como reconhece o autor, ele precisou, embora modestamente não insistir sobre o feito, fabricar um ferramental específico para a análise que queria empreender.

Ferramental, é inevitável, em vários aspectos passível de discussão, seja por parte de historiadores, seja de psicanalistas, mas de valor inquestionável para repensar recantos do território que tanto uns quanto outros consideram seus, e que na verdade pertencem ao ser humano, não fragmentado pelas necessidades da ciência. Nisto reside a principal qualidade e o principal interesse da proposta metodológica de David Levisky: estabelecer uma ponte entre as duas áreas e convidar os respectivos especialistas a retomarem o diálogo várias vezes começado e abortado. A opção que ele fez por testar seu método com objeto problemático em diversos aspectos revelou-se acertada. Uma escolha aparentemente mais fácil, mais próxima do ambiente que viu nascer a psicanálise, poderia não fazer justiça às possibilidades do extremamente fecundo método histórico-psicanalítico que ele defende. Ao fazer de um sujeito histórico um analisando, nosso historiador-psicanalista (ou seria psicanalista-historiador?) pôde melhor demonstrar a potencialidade de sua proposta sem camuflar os limites dela.

É bastante interessante acompanhar este *setting* inusitado, habitado por um analista inovador e de escuta sensível e um paciente muito especial. Especial pela idade (faleceu há quase novecentos anos, em 1124), origem geográfica (norte francês), condição social (nobre feudal), profissão (monge beneditino), forma de comunicação com o analista (relato escrito), língua utilizada (latim). Perfil, é evidente, ausente em todas as consultórios do mundo em todos os tempos e que coloca não poucos problemas epistemológicos. Para o paciente – jamais encontrado pessoalmente e cujo relato é único e escrito –, existe, é claro, o antecedente do próprio Freud analisando as memórias de Schreber. Mas nesse caso era pequeno tanto o fosso cultural (Schreber, magistrado alemão e filho de médico, viveu no mesmo ambiente que Freud e expressou-se na língua dele) quanto o temporal (Schreber escrevera em 1903, falecera em 1911, mesmo ano em que Freud publicou seu estudo).



No entanto, o empreendimento de Levisky é bem diferente. Coloca no divã um paciente falante de uma língua morta e membro de uma sociedade desaparecida, o que poderia indignar psicanalistas e historiadores mais ortodoxos. E de fato os riscos são evidentes. Um dos maiores, alertava o grande historiador Lucien Febvre em 1938, é

*querer passar diretamente dos sentimentos e das ideias que são nossos aos sentimentos e às ideias que palavras semelhantes, ou que as mesmas palavras geradoras das mais graves confusões por sua hipotética e falaciosa identidade, servem para significar, por vezes com alguns séculos de distância.*

Por isso mesmo, Febvre dizia estar “previamente resignado” diante do caráter “decepcionante” das relações entre História e Psicologia. O problema central seria o fato de a *psyché* ser fonte constante de anacronismos, o pecado irremissível do historiador segundo ele. No entanto, sem que isso tenha redundado por enquanto em relações mais próximas e fecundas, ao menos se reconhece agora que anacronismo não é necessariamente um mal, podendo mesmo ser poderoso instrumento intelectual. A helenista Nicole Laroux, por exemplo, pensa que “o medo do anacronismo é bloqueador”, impede ao historiador a prática da analogia que guia o antropólogo em diversas reflexões. E que guia sobretudo o psicanalista, poderíamos acrescentar.

O livro que se tem em mãos não é uma Psico-História como a praticada pelos norte-americanos desde a década de 1960, pois esta se interessa sobretudo pelos comportamentos de grupo. Tampouco é uma psicobiografia, como aquela que Freud dedicou a Leonardo da Vinci. É verdade que Levisky valoriza as experiências psíquicas de Guibert Nogent na infância como sendo fatores explicativos dos

sentimentos e procedimentos do adulto, que terminou de escrever suas memórias por volta de 1115, com 60 anos de idade. Mas, ao contrário da psicobiografia tradicional, com toda razão nosso autor leva em conta fatores externos ao sujeito, fatores políticos, sociais, culturais, religiosos. Ou seja, sem pretensões de usar ou criar algum método que, de forma soberba, seja considerado universal, ele, com material teórico da psicanálise e da historiografia, guia-nos por uma fascinante aventura: penetrar na intimidade de um monge do século XII.

# Uma história de muitas questões

Teria a adolescência existido em outras épocas da civilização humana? Como teria sido essa fase do desenvolvimento humano no homem de mil anos atrás? Os adolescentes da contemporaneidade são descritos como agressivos, impulsivos, passivos, impertinentes, arrogantes, teimosos, revoltados, prepotentes, desrespeitosos, desinteressados em relação ao futuro, transgressores que só querem se divertir e estão voltados amplamente para a vida sexual. Caricatura comum, junto com o fato de serem criativos, arrojados, amorosos, corajosos, valentes, desafiadores. Fenômeno atual ou de sempre, considerando-se a história psicossocial do desenvolvimento humano?

Os questionamentos agravaram-se com as ideias de Ariès, publicadas numa obra reconhecida em nosso meio, *História social da criança e da família*, na qual o autor afirma que as palavras latinas *puer* e *adolescens* eram empregadas indiscriminadamente na Idade Média. Ele sugere que o homem medieval não tinha a percepção e o conceito das diferentes idades da vida e que aquela sociedade “via mal a criança, e pior ainda o adolescente”, que a duração da infância “era reduzida a seu período mais frágil . . . de criancinha pequena,

ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude”. E conclui que “ela [a família] não tinha função afetiva”, que a socialização da criança não era assegurada nem controlada pela família.<sup>1</sup> Refere-se às primeiras relações afetivas entre os pais e o bebê, de forma depreciativa, sem levar em conta o contexto determinante das características vinculares e sociais na constituição do psiquismo do sujeito daquela sociedade. Reconhece a existência de uma certa “paparicação” da criança por parte da família, embora negue que tal atitude possa ter função afetiva.<sup>2</sup>

As ideias de Ariès surpreendem, pois levam a pensar que, no passado longínquo, crianças e jovens eram tratados como meros objetos, frutos das necessidades de preservação da espécie, como se não houvesse o estabelecimento de relações afetivas entre filhos e pais ou seus equivalentes socioculturais. Surge, então, a formulação de uma questão básica: como a mente humana e a atividade simbólica poderiam ter se estruturado na criança medieval sem a existência de vínculos afetivos?

As afirmações de Ariès estimularam outros pesquisadores a investigar o lugar da infância na Idade Média, e vários deles se manifestaram contrários às suas ideias. Riché e Alexandre-Bidon comunicaram a existência de publicações sobre a educação na Alta Idade Média e o desencadeamento de uma série de atividades relacionadas à infância, desencadeadas pelas teses defendidas por Ariès. Colóquios ocorridos em Paris, em 1973, e outro em Estrasburgo, em 1976, trataram das relações entre criança e sociedade. Em 1979, um congresso em Aix mostrou as contribuições oriundas de textos literários medievais e, em 1985, surgiu uma obra sobre iconografia e infância, “descobrimo o verdadeiro lugar da criança

---

1 Ariès, P. H. (1978). *História social da criança e da família* (pp. 41, 10-11, respectivamente). Guanabara Koogan.

2 Idem, op. cit., p. 10.

no mundo medieval.”<sup>3</sup> De Mause,<sup>4</sup> Shahar<sup>5</sup> e Lett<sup>6</sup> aportaram novos conhecimentos, que também contrariam as teses de Ariès, autor que teve o mérito de focalizar a criança como objeto de estudo do historiador da Idade Média e ter aberto as portas para novas investigações. Historiadores, sociólogos, antropólogos, educadores, médicos, psicanalistas se voltaram para o estudo da criança e da família medievais, no intuito de averiguar e tentar recuperar o lugar delas no processo histórico da civilização.

Em 1980, Ariès se desculpou e confessou ter poucos conhecimentos sobre a Idade Média.<sup>7</sup> Apesar de seu ato reparador, as influências geradas por suas ideias ainda se fazem presentes e confundem a apreensão da história do desenvolvimento infantil e do fenômeno do adollescência, quando observados do ponto de vista das atividades psíquicas em contato com diferentes culturas.

Desconcertados com as divergências existentes e interessados em compreender os processos de desenvolvimento e transformação do aparelho psíquico em sua interface com a cultura, indagamos como avaliar a existência do fenômeno adolescência em uma

- 
- 3 Riché, P. (1973). *Education et culture dans l'Occident barbare*; Riché, P. (1973). *Enfant et société au Moyen Age*. In *Annales de démographie historique* (pp. 63-142). Mouton; Riché, P. (1976). *L'enfant*. In *Recueil de la Société Jean Bodin*, t. XXXVI, vol. II e V; Riché, P. (1982). *L'enfant au Moyen Age, littérature et civilisation*. *Sénéfiance*, 9, C.U.E.R.M.A, Aix-en-Provence; Alexandre-Bidon, D., & Closson, M. *L'enfant à l'ombre des cathedrales*, Presses Universitaires de Lyon-CNRS, 1985 em P. Riché e D. Alexandre-Bidon, *L'enfance au Moyen Age*, Seuil/Bibliothèque nationale de France, 1994, pp. 8-9.
  - 4 De Mause, L. (Org.). (1980). *The history of childhood*. A Condor Book Souvenir Press Ltd. Ver também: Idem (1974). *The evolution of childhood*. *History of childhood quarterly – The journal of psychohistory*, 1(4), 503-574.
  - 5 Shahar, S. (1990). *Childhood in the Middle Ages*. Routledge.
  - 6 Lett, D. (1997). *L'enfant des miracles – enfance et société au Moyen Age (XIIIe-XIIIe siècle)*. Aubier.
  - 7 Entrevista dada a Winock. (1980). *L'Histoire*, 19, 85, In Riché, P., & Alexandre-Bidon, op. cit., p. 209.

época distante, mas ligada às nossas origens, na tentativa de responder a questões prementes acerca do tema. A adolescência é um fenômeno resultante de incorporações culturais, portanto adquirida, ou representa uma questão estrutural do aparelho psíquico, cuja expressão sofre transformações em decorrência das culturas nas quais se processa?

Com essas inquietações em mente, fizemos o caminho inverso do que habitualmente ocorre na clínica psicanalítica, na qual sou procurado pelo paciente. Saímos à procura de um paciente que pudesse nos tranquilizar e ajudar a pensar as possíveis lacunas na visão sobre a infância e a juventude retratadas na história social vista por Ariès, percepção contrastante com a que havia construído sobre a criança e o adolescente a partir da formação e prática médico-psicanalítica.

Pareceu-nos então que o problema poderia estar na falta de conexão entre áreas complementares do conhecimento humano, cada uma delas funcionando em sistemas fechados e distantes das correlações e interfaces propiciadas pela História, Medicina, Psicologia, Antropologia, Sociologia e Psicanálise. Haja vista que nas sociedades complexas, em oposição às originárias, judeus, cristãos e muçulmanos realizam cerimônias religiosas que coincidem com o início da puberdade, época da vida em que a sexualidade adulta desabrocha.<sup>8</sup> Essas manifestações estão presentes em vários povos e períodos históricos, identificáveis através do folclore, e nos comportamentos dos adolescentes da era da informática e da globalização.

Tudo leva a crer que, seja qual for a cultura e a época, o surgimento da sexualidade reprodutora é acompanhado de transformações

---

8 O *bar mitzvah* é uma cerimônia posterior à Idade Média Central. Em Marcus, I. G. (1984). *Rituals of childhood. Jewish acculturation in Medieval Europe* (p. 17). Yale University Press, o autor afirma que não há nenhum testemunho de sua existência no século XII.

corporais e comportamentais, os quais se manifestam por meio de linguagens conscientes e inconscientes que marcam esse momento de passagem. Há, por exemplo, na literatura medieval do século XII, um caso descrito por Schmitt, no qual Hermann, o judeu, é um jovem com quase 13 anos, que se converte ao cristianismo após um sonho decisório. Diz o historiador que

*podia bem ser um momento decisivo no crescimento e aspirações de um jovem judeu. A ligação explícita que se estabelece entre o décimo terceiro ano e o sonho que devia aclarar todo o resto da vida chama a atenção diante do fato de que os relatos de milagres ou de exempla situam a conversão de jovens judeus (e judias) no início dessa idade crítica a que nomeamos adolescência, dando a esta palavra uma carga psicológica que não havia na Idade Média.<sup>9</sup>*

Como investigar essas questões, com que material, utilizando-se de que métodos e formas complementares?

Com tal desejo, carregados de um mito adolescente, o do prazer do desafio e da conquista do saber, ao invés de retornar ao psicanalista para apaziguarmos angústias existenciais, resolvemos nos aconselhar, na ocasião, com uma quase ex-adolescente, nossa filha Adriana. Ela havia conhecido, no seu curso de mestrado, um professor de História Social, medievalista, “muito legal”. Insistiu para que fôssemos falar com ele. Levamos uns três anos para criar coragem, até que, um dia, lá fomos dizer o que fazíamos e o que queríamos. Ouviu-nos pacientemente, como um bom psicanalista, e, finalmente, disse-nos: “muito bom, vou pensar”. Após algumas

---

9 Schmitt, J. C. (2003). *La conversion d'Hermann le juif, autobiographie, histoire et fiction* (p. 93). Seuil. Ver também resenha crítica por Levisky, D. L. (2006). *Signum – Revista da Associação Brasileira de Estudos Medievais*, 8, 405-413.

semanas, combinamos almoçar. Comida boa, papo gostoso, nasce amizade e admiração. Em tom de brincadeira e de desafio abre-se um leque de possibilidades: escrever um artigo, fazer um livro, apenas trocar ideias. Brincalhão e desafiador, digo-lhe: “E por que não uma tese?” Singelamente ele diz, com sabedoria psicanalítica: “E por que não?” Topamos a parada. Veio a depressão. E agora, como sair dessa?

Bem, para encurtar a história, o historiador iria pesquisar quem poderia ser nosso primeiro paciente medieval. Ficamos ansiosos à espera dele. Como seria? Saberíamos recebê-lo? Ele nos aceitaria? Como fazer o contrato de trabalho psicanalítico? A nossa escuta clínica seria capaz de entender a fala dele? Muitas e muitas questões convulsionaram-nos a mente. Mais uma vez nos deparamos com a dor do desenvolvimento: parar ou continuar – e tentávamos nos convencer de que no final tudo iria dar certo. Se tivéssemos paciência, nosso paciente medievo poderia nos ajudar a compreendê-lo e a melhor compreender os adolescentes da atualidade. Assim, alcançaríamos uma nova etapa gratificante de realizações.

Franco Júnior, colaborador do paciente, marca a entrevista por telefone: “Achei. É Guibert de Nogent, *De vita sua – autobiographie. Introduction, édition et traduction*, edição de Edmond René Labande, Paris, Société d’Édition ‘Les Belles Lettres’, 1981, bilíngue, latim-francês. Dê uma lida e veja se serve”. Tiro e queda, é ele! Pensamos em surdina que o historiador que estava angariando pacientes medievos para nós devia ser também psicanalista ou ter se submetido à psicanálise. Ele havia captado nossas inquietações e nos indicara justamente “um caso de livro”, como se costuma dizer quando o caso é claro e didático, tais como as preciosidades presentes no texto de Guibert de Nogent, caminho para tentar alcançar fenômenos do seu inconsciente e verificar a presença ou não de processos específicos de sua transição para a vida adulta.



Mas o fato é que o “caso de livro” trouxe problemas: não se tratava do relato de um caso sobre um paciente; o paciente era um documento supostamente escrito pelo provável paciente. Era preciso saber se nosso instrumental serviria para analisar um documento de uma história própria que se acrescia à história do dito Guibert, que, por sua vez, havia vivido numa época e num país distantes. Se, por ocasião da primeira conversa com aquele historiador, tivemos a esperança de alcançar uma certa tranquilidade, um banquete de dúvidas e questões nos invadiram a mente e serviram de estímulo para a elaboração de um projeto de investigação histórico-psicanalítico da adolescência na Idade Média.

O estudo de um documento medieval seria, portanto, uma possibilidade para tentar alcançar alguma compreensão analógica e racional de certas estruturas e dinâmicas psicológicas, identificáveis pela metodologia psicanalítica dentro de um determinado contexto histórico-cultural. Resultou desse estudo uma tese de doutorado em História Social, defendida no Departamento de História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em novembro de 2004, sob a orientação de Hilário Franco Júnior, tendo por título: “Um monge no divã: o adolescer de Guibert de Nogent (1055-1125?) – uma análise histórico-psicanalítica”.<sup>10</sup> Agora aprimorada e transformada em livro, tem o intuito de alcançar um espectro maior de leitores interessados em compreender não apenas o fenômeno do adolescer na Idade Média, mas certas correlações existentes entre História, Psicanálise e Cultura na constituição do sujeito e suas inter-relações com o meio no qual vive.

---

10 A Banca de Avaliação foi composta pelos Profs. Drs. Lênia Márcia Mongelli e José Carlos Estevão (historiadores), Renato Mezan e Roosevelt Moisés Smeke Cassorla (psicanalistas). A íntegra da tese pode ser acessada no banco de teses da Universidade de São Paulo.

Foi preciso analisarmos documentos e levantar bibliografias capazes de refletir aspectos da subjetividade medieval, da vida afetiva, ideias, sentimentos, atividade relacional da infância até a entrada na vida adulta em busca da construção de algum entendimento analógico e racional de certas estruturas e dinâmicas psicológicas; e conhecermos aspectos essenciais da sociedade medieval, suas estruturas e dinâmicas sociais, econômicas, religiosas e políticas prevalentes para compreendermos o contexto no qual viveu nosso protagonista.

A utilização dos recursos da psicanálise contemporânea possibilitou, por meio de teorias e de sua metodologia de observação, identificarmos características microscópicas da personalidade ligadas às vicissitudes da vida pulsional, da reorganização egoica, da prevalência de certos mecanismos defensivos do ego, dos lutos, da reelaboração dos conflitos narcísicos e edipianos, das redefinições das escolhas objetais. São processos que ocorrem durante a aquisição e o desenvolvimento de potencialidades cognitivas, afetivas e sociais na busca da identidade adulta, detectáveis no adolescente da Idade Média Central.

Imaginamos ser possível extrair contribuições a partir do estudo específico de um caso – a autobiografia de Guibert de Nogent – e sugerirmos algumas generalizações. Ele escreveu sua autobiografia evocando lembranças que partem de um processo confessional de homem maduro. Progressivamente, recorda informações, fatos e vivências que circundam seu nascimento, o processo educacional, as relações parentais, a entrada na *pubertas*, a crise da *adolescência*. Revela em profundidade seus sentimentos, angústia, anseios e temores, dentro dos valores que dominam sua cultura e classe social.

Cada trecho selecionado extraído do documento analisado foi traduzido do francês para o português, de forma livre, em itálico. Procuramos preservar, o quanto fosse possível, o estilo de redação e sintaxe de Guibert, apesar dos riscos de deturpação do conteúdo.

Após as “falas” de Guibert, fizemos comentários provenientes da interpretação histórico-psicanalítica, preservado o sentido dos termos utilizados dentro das características do contexto social da Europa medieval.

É possível que, nessa busca de espaços de interação histórico-psicanalíticos, o leitor sinta oscilações que vão da superficialidade à profundidade factual e conceitual, as quais, por sua vez, dependem da familiaridade de cada um com as áreas envolvidas, revelando as dificuldades enfrentadas por este autor no encontro de um equilíbrio satisfatório entre elas. Buscamos preservar a precisão conceitual do rigor acadêmico, mas também procuramos nos aproximar de uma linguagem coloquial.

Essa aventura acadêmica, com ares adolescentes, está dividida em duas partes, que podem ser lidas de acordo com o interesse e a disponibilidade dos leitores, pois são independentes e complementares entre si. A primeira, mais acadêmica, trata de aspectos conceituais, de características documentais e do processo metodológico criado para realizar essa investigação. Colabora na compreensão dos olhares e mentes curiosos que irão se concentrar na detecção de indícios enigmáticos do inconsciente. A segunda é a análise histórico-psicanalítica do texto medieval propriamente dito, que reflete a mentalidade e os conflitos da época.

Esperamos que essa leitura de uma trajetória de caráter milenar seja válida, instigante e curiosa e que os resultados possam trazer surpresa, confirmação, controvérsia e emoção.

# Primeira parte

# Uma análise histórico-psicanalítica

“História é uma compreensão do passado para se lançar luz sobre a compreensão do presente”, diz Franco Júnior.<sup>1</sup> Bloch considera “os fatos históricos . . . por essência fatos psicológicos”;<sup>2</sup> distintos de uma história restrita à descrição minuciosa dos fatos, segundo Febvre.<sup>3</sup> A Psicanálise amplia a compreensão do fato histórico, diz Friedlander.<sup>4</sup> E Gay oferece *Freud para historiadores*.<sup>5</sup> Levi e Schmitt salientam que o historiador enfrenta os difíceis caminhos de uma Psicologia histórica, “mas sem ousar explorar, como talvez fosse necessário, os instrumentos da psicanálise, cuja adoção ainda é objeto de debate aceso entre os historiadores”.<sup>6</sup> Existem, é

- 
- 1 Franco Júnior, H. (1996). *A Idade Média – nascimento do Ocidente* (p. 7). Editora Brasiliense.
  - 2 Bloch, M. (1965). *Introdução à história* (p. 167). Publicações Europa-América.
  - 3 Febvre, L. (1977). Psicologia. In *Combates pela História*, vol. II (pp. 131-228), Editorial Presença.
  - 4 Friedlander, S. (1975). *Histoire et Psychanalyse* (p. 9). L’Univers Historique/Seuil.
  - 5 Gay, P. (1989). *Freud para historiadores*. Editora Paz e Terra.
  - 6 Levi, G., & Schmitt, J. C. (Orgs.). (1996). *História dos jovens – da Antiguidade à Era Moderna*, vol. I (p. 13). Cia. das Letras.

verdade, na história da Psicanálise e na história da História, opositores a essa tentativa de aproximação entre áreas distintas do conhecimento humano, falta unanimidade entre os autores. Enquanto uns valorizam os aspectos culturais das transformações psicológicas, outros põem em evidência aspectos constantes e universais da natureza humana.<sup>7</sup>

A percepção histórica de que heranças do passado podem ser identificadas nos jovens de hoje e a possibilidade de encontrar características dos jovens contemporâneos nos documentos que retratam traços do modo de ser, sentir, pensar e agir dos jovens do medievo foram os estímulos para o desenvolvimento dessa metodologia histórico-psicanalítica.

Nessa aventura histórico-psicanalítica surgem dois objetivos centrais: primeiro, a tentativa de identificar as características da transição infantojuvenil na Idade Média sob o prisma psicanalítico; segundo, a análise das implicações metodológicas recíprocas, consequentes ao esforço de aproximação entre áreas distintas do conhecimento humano na busca de possíveis interfaces.<sup>8</sup> O estudo da juventude, segmento mais ativo de uma sociedade, é fascinante pela volatilidade, complexidade e energia que carrega e pela ciência de que o futuro de uma nação depende do futuro de tal juventude.

O encontro de documento de validade histórica possibilita a extração de elementos dos inconscientes individual e coletivo de uma determinada época e, quando submetido à análise histórico-psicanalítica, coloca em evidência estruturas e dinâmicas sociais da vida familiar, dos processos educacionais, dos valores religiosos, éticos e

---

7 Penna, A. G. (1994). *Freud, as ciências humanas e a filosofia* (pp. 53-68). Imago.

8 Levisky, D. L. (2004). Interfaces com a psicanálise: questões metodológicas em uma investigação histórico-psicanalítica na Idade Média Central. In Lowenkron, T., & Herrmann, F., *Pesquisando com o método psicanalítico* (pp. 191-221). Casa do Psicólogo.

morais, dos manejos da sexualidade, das normas comportamentais e práticas rituais. Documentos religiosos, jurídicos, médicos, pedagógicos, manifestações artísticas e folclóricas de período histórico próximo do focalizado – séculos XI e XII – foram as possibilidades encontradas, junto com textos literários, leis, preceitos higiênicos, sermões, autobiografias, para caracterizarmos as interferências recíprocas entre o individual e o coletivo, o privado e o público, o sujeito e a cultura do contexto psico-histórico-social de Guibert.<sup>9</sup>

Frente aos controles sociais existentes naquela época, pudemos indagar o que teria variado no psiquismo humano: a constituição do aparelho psíquico, o significado simbólico dos desejos, a ética, ou nada mudou? Ou se essa confrontação sequer é possível a partir dos elementos disponíveis para a investigação histórico-psicanalítica.

O encontro da narrativa de Guibert, na Idade Média, possibilitou evidenciar elementos particulares do narrador e outros, comuns daquela cultura, sugestivos de manifestações inconscientes – produtos das vicissitudes pulsionais, da organização egoica e superegoica, do processo de identificação, da elaboração narcísica e dos complexos edípico e fraterno.

A Idade Média foi selecionada para essa análise por ser distante do período atual e caracterizar uma outra mentalidade; e, de maneira contraditória, também próxima de nós, pois muitas de suas características ainda estão presentes no nosso modo de ser, apesar do longo processo de transformação histórico-cultural até chegar à nossa civilização.

---

9 Birman, J. (1994). Os impasses da cientificidade no discurso freudiano. In *Psicanálise, ciência e cultura* (pp. 33-34). Jorge Zahar Editores; Friedländer, S. *Histoire et Psychanalyse*, op. cit., pp. 9-79; Mezan, R. (2002). Subjetividades contemporâneas. In *Interfaces da Psicanálise* (pp. 257-272). Cia. das Letras; Foucault, M. (1998). *A ordem do discurso*. Edições Loyola; De Certeau, M. (1987). *Histoire et psychanalyse – entre science et fiction*. Gallimard.

Compreender os processos histórico-sociais do medievo no período de transição da infância para a vida adulta nos vários segmentos sociais, os tipos de expressividade quanto à mentalidade e aos imaginários do vir-a-ser monge, cavaleiro, artesão, camponês, senhor feudal, clérigo, além da mulher dentro da família e da sociedade, são desafios que podem ajudar na análise dos conflitos dos jovens na atualidade.

Esse trabalho de investigação gerou numerosas indagações, tanto em relação à escolha do material objeto da investigação quanto ao instrumental a ser utilizado, isto é, a psicanálise e o psicanalista sem formação histórica de base. Num primeiro momento, tudo fazia crer que não existiria perspectiva para tal empreitada. Por onde começar nesse universo sombrio?

Várias foram as questões metodológicas a serem destrinchadas. A primeira delas, inspirada no texto de Peter Gay, *Freud para historiadores*, perambulava em minha mente como tenebroso fantasma: seria possível fazer a psicanálise de um morto?<sup>10</sup> A técnica psicanalítica se prestaria a interpretar fenômenos do inconsciente na ausência do paciente? Freud o fez no caso Schreber e na análise da Gradiva, ao levantar hipóteses sobre processos e fantasias inconscientes por meio de material escrito.<sup>11</sup> Nas supervisões das sessões psicanalíticas também se exercita a prática do processo clínico e teórico-clínico, pelos relatos de sessões e pelas vivências trazidas pelo supervisionando na troca de experiências com o supervisor. Além, é evidente, da experiência vivenciada nas análises pessoais e de nossos pacientes.

---

<sup>10</sup> Gay, op. cit.

<sup>11</sup> Freud, S. (1973). Observaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranoia autobiográficamente descrito. In *Obras Completas*, vol. II (pp. 1487-1527). Biblioteca Nueva, e El delirio y los sueños en “La Gradiva” de W. Jensen, op. cit., pp. 1285-1336.



Outras inquietações giravam em torno da pessoa do investigador: características de sua formação profissional, traços de personalidade, recordações traumáticas que poderiam interferir no processo investigativo. Até mesmo possíveis interferências dessa longa investigação na preservação e na reconstrução da sua identidade psicanalítica, arduamente realizada. Sentimentos de desafio e resistências pessoais no enfrentamento das hostilidades geradas pelo encontro com o novo, no confronto ideológico entre colegas psicanalistas e historiadores contrários aos estudos das interfaces, foram motivos de atenção e cuidado. Havia um conjunto de fatores excitantes no enfrentamento dos desafios conceituais e metodológicos ao mobilizar certa dose de ousadia e espírito pretensioso. Com o passar do tempo, foi possível assimilar e integrar à identidade psicanalítica um perfil histórico como parte do instrumental de avaliação. Foi preciso trabalhar psicologicamente as pressões decorrentes das diferentes formas de processar a elaboração psíquica – maneiras como o aparelho psíquico recebe, associa, transforma e transmite as excitações, racionais ou vivenciais, direcionadas ou espontâneas, próprias de cada uma dessas áreas do conhecimento.

Contidas parcialmente as angústias, com motivação, boa vontade e paciência, poderia caminhar. Encontrado o documento válido, era preciso estabelecer um certo número de conceitos que pudessem balizar o desenvolvimento da pesquisa, que ajudassem a esclarecer melhor as transformações impostas pela cultura sobre a atividade psíquica e vice-versa. Tais objetos da investigação, para cada um, historiador e psicanalista, sugerem a busca de conceitos e métodos que se complementem dentro de limites por construir.

### *Alicerces e andaimos*

Os alicerces desta investigação estão embasados nos conceitos de constituição e construção do sujeito psíquico, subjetividade,

mentalidade, imaginário, identidade. São processos que sempre estiveram presentes na história do homem simbólico, portanto civilizado, de forma consciente ou inconsciente. Por conseguinte, as transformações do conhecimento têm possibilitado discriminar, nomear e criar conceitos que alimentam, ampliam e modificam as novas percepções do homem sobre si mesmo e o mundo que o cerca. Mundo do qual ele é membro integrante, sofre influências e influencia a partir de capacidades relacionais, criativas e tecnológicas. O homem social é mobilizado por necessidade de alcançar identidade e inserção social, pelo processo de identificação “conhecida em psicanálise como a manifestação mais precoce de uma relação afetiva com outra pessoa, e desempenha um importante papel na pré-história do complexo de Édipo”.<sup>12</sup> A identificação é um “processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, através daquele modelo. A personalidade se constitui e se diferencia por uma série de identificações”.<sup>13</sup>

O aparelho psíquico, modelo de funcionamento mental elaborado por Freud, refere-se à capacidade humana de transmitir e transformar energias, diferenciando-as em sistemas. Por meio da elaboração psíquica, da atividade simbólica, do jogo de investimentos e desinvestimentos, essa energia permite o funcionamento do “aparelho” dentro de princípios próprios, como os de prazer, de realidade e de constância.<sup>14</sup> A produção da constituição psíquica

*é dada por variáveis cuja permanência transcende certos modelos sociais e históricos ...(e) é determinada por variáveis que podem ser delimitadas dentro de seu campo conceitual específico. A produção da subjetividade,*

12 Idem. *Psicología de las masas y analisis del yo*, op. cit., vol. III, pp. 2585-2588.

13 Grinberg, L. (1976). *Teoría de la identificación* (p. 7). Paidós.

14 Freud, S. *La interpretación de los sueños*, op. cit., vol. I, pp. 343-752.

*por sua vez, inclui todos aqueles aspectos que pertencem à constituição social individual em termos de produção e reprodução ideológica tanto quanto de articulação com as variáveis sociais que o inscrevem num tempo e espaço específico do ponto de vista da história política.*<sup>15</sup>

Tem-se por sujeito psíquico a pessoa em sua totalidade histórica e individualizada, egoica, que decorre da relação afetiva com o mundo exterior.<sup>16</sup> Porém, dentro de um determinado grupo social, há uma certa maneira de sentir, pensar e agir que faz parte do consciente ou do inconsciente. Freud esclareceu essa condição ao explicitar sua ligação ao judaísmo: “intensas potências sentimentais obscuras, tanto mais poderosas quanto mais difíceis de expressar em palavras; a clara consciência de uma íntima identidade, a secreta familiaridade de possuir uma mesma *arquitetura anímica*” (grifo do autor).<sup>17</sup>

Franco Júnior propõe um conceito paralelo e complementar ao de arquitetura anímica, contendo um elemento temporal, ao sugerir que a mentalidade

*indica o primado psicológico nos seus aspectos mais profundos e permanentes, mas sempre manifestados historicamente, dentro e em função de um determinado contexto social, que por sua vez passa a agir a longo prazo sobre aquele conjunto de elementos psíquicos coletivos . . . os significantes (palavras, símbolos, representações) que o imaginário utiliza alteram os significados*

---

15 Bleichmar, S. (1999). Entre la producción de subjetividad y la constitución del psiquismo. *Revista del Ateneo Psicoanalítico*, 2, 59.

16 Freud, S. Los instintos y sus destinos, op. cit., vol. II, pp. 2039-2052.

17 Idem. Discurso a los miembros de la sociedad B'nei Brit, op. cit., vol. III, p. 3229.

*(conteúdos essenciais) da mentalidade, decorrendo disso a dinâmica dela.<sup>18</sup>*

Sugere quatro traços básicos da mentalidade: 1) a interseção entre o biológico e o social; 2) a relação entre as emoções primitivas e uma forma específica de racionalidade, vide certos estados mentais presentes em sociedades como a medieval, com predomínio do pensamento analógico; 3) a predominância dos fatores biopsíquicos na mentalidade, o que faz dela “o nível mais estável, mais imóvel das sociedades”, revelando seu papel de “inércia, força histórica capital”; 4) a abrangência: uma vez que constitui o conjunto de automatismos, de comportamentos espontâneos, de heranças culturais profundamente enraizadas, de sentimentos e formas de pensamento comuns a todos os indivíduos, independentemente de suas condições sociais, políticas, econômicas e culturais, a mentalidade é a instância que abarca a totalidade humana. Realça a impossibilidade de o estudioso ter acesso à psicologia coletiva profunda de um período, visto que suas transformações são de longuíssima duração, com seu ritmo quase inerte. O que se pode dela detectar são fragmentos expressos culturalmente, por meio dos imaginários reveladores de como cada situação da mentalidade é vivenciada e pensada.<sup>19</sup>

A mentalidade é, portanto, o conjunto estável de elementos psíquicos inconscientes e conscientes que caracterizam o sentir, o pensar, e o agir, expressos nos imaginários e captados pelos tipos de raciocínio, manejo e conceitos das palavras, dos signos, dos significados das relações temporais e espaciais. Uns se preservam

---

18 Franco Júnior, H. *A Idade Média – nascimento do Ocidente*, op. cit., pp. 149-150.

19 Idem. (2003). O fogo de Prometeu e o escudo de Perseu. Reflexões sobre mentalidade e imaginário. *Revista Signum da Associação Brasileira de Estudos Medievais*, 5, 73-116.

no longo tempo da história; outros sofrem lentas e progressivas transformações nas suas transmissibilidades. Os de rápida transformação são facilmente identificáveis nas mudanças de moda, em certos maneirismos e no linguajar tão nítido dos adolescentes na atualidade. Esses movimentos de curta, média, longa e longuíssima duração resultam das ações recíprocas entre a constituição biológica, o sujeito psíquico, o grupo social, a cultura e a sociedade. São processos estruturais, econômicos e dinâmicos do aparelho psíquico que, em sua interação com a realidade externa e objetiva, configuram os eventos e as memórias históricas e sofrem as pressões das motivações pulsionais presentes nos desejos e nas fantasias que mobilizam o consciente e o inconsciente. O aparelho psíquico, com suas leis e princípios de funcionamento, vive numa luta constante em busca de estados de equilíbrio interno, a “homeostase psíquica”, fruto das relações com o meio exterior e consigo mesmo – o que me leva a indagar o que é estável ou lentamente mutável e o que é variável no tempo perceptível dessa arquitetura anímica.

Por meio desse processo complexo constrói-se a identidade do sujeito psíquico, fenômeno estruturante que tem lugar no ego e pelo qual são elaborados certos componentes incorporados que dão “lugar a uma matriz identificatória”. Assim, define-se como um processo que tem por base a seleção, inclusão e eliminação de elementos provenientes dos objetos externos, dos objetos internos e de partes do próprio ego (self), a partir de fenômenos de internalização, externalização e identificação projetiva.<sup>20</sup>

O estudo da formação do sujeito e de sua subjetividade, por meio da análise do processo de identificação, implica acompanhar o desenvolvimento desse processo, cujo início ocorre antes mesmo do nascimento do indivíduo, mediante o filho imaginário que

---

20 Grinberg, op. cit., p. 7; Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (1973). *Vocabulaire de la psychanalyse* (pp. 187-189). PUF.

os pais carregam dentro de si. Esse processo prossegue nos anos subsequentes com aquisições e transformações que configuram o conceito social das idades da vida, conjunto de fenômenos que tentaremos detectar e analisar nas linhas e entrelinhas do texto de Guibert e no contexto psico-histórico-social daquela época.

A ênfase dada na análise da transição para a vida adulta leva em consideração o fato de que as idades da vida já eram conhecidas na Antiguidade e na Idade Média. Shahar,<sup>21</sup> Levi e Schmitt,<sup>22</sup> Riché e Alexandre-Bidon<sup>23</sup> assinalam a existência de vários sistemas classificatórios das idades da vida no medievo. A transição da infância para a vida adulta era marcada por ritos de passagem ou diluída em comportamentos difusos na vida social. Em vários povos e períodos históricos, essa transição é coincidente com o surgimento da sexualidade reprodutora, manifesta na linguagem dos atos sociais, religiosos e folclóricos que marcam esse momento de passagem.<sup>24</sup>

*Os jovens são por caráter concupiscentes e inclinados a fazer aquilo que desejam. E em relação às paixões corporais são especialmente submissos às de Vênus e, nestas, incontinentes. Também são instáveis e fáceis de se saciarem (aborrecerem) em suas paixões, e desejam ardentemente, mas se lhes passa rapidamente; seus caprichos são veementes, mas não duradouros, como a sede e a fome dos que estão enfermos. Também são apaixonados e de cólera repentina e capazes de obedecer a seus*

21 Shahar, op. cit., pp. 1-7, 9-20, 21-31.

22 Levi, & Schmitt, *História dos jovens – da Antiguidade à Era Moderna*, op. cit.

23 Riché, & Alexandre-Bidon, op. cit., pp. 16, 202-207.

24 Van Gennep, A. (1969). *Les rites de passage – étude systématique des rites*. Mouton & Co. and Maison des Sciences de l'Homme; Campbell, J. (1996). *O poder do mito*. Editora Palas Athenas; Idem (1997). *O herói de mil faces*. Editora Pensamento.

*impulsos. E são dominados pela ira, porque por ponto de honra não suportam serem passados para trás, mas se enfurecem caso se considerem vítimas de injustiça. E são amantes da honra, e ainda mais do triunfo, porque a juventude deseja se sobressair, e a vitória é uma espécie de excelência. E são muito mais estas duas coisas do que avarentos, e são menos avarentos por não terem experimentado ainda a privação, como é a sentença de Pítaco sobre Anfiarao. E não são maliciosos, mas cândidos, por não haverem presenciado muitas maldades. E são confiados por não haverem sido enganados muitas vezes. E cheios de esperança, porque assim como os ébrios, os jovens estão aquecidos pela natureza, e também pelo fato de não haverem padecido muitos desenganos. E vivem em grande parte com esperança, pois a esperança é do futuro e a memória (é) do passado, e para os jovens o futuro é muito e o passado breve.<sup>25</sup>*

Santo Agostinho, aos 43 anos, em seu livro *Confissões*, descreve vivências e angústias do seu comportamento aos 16, como a falta de controle e a ebulição sexual, no relato que faz sobre “Os pecados da adolescência”. A sensibilidade desse homem permitiu-lhe narrar os sofrimentos vividos, produtos das pulsões sexuais e agressivas emergentes e consequências do enfraquecimento de sua capacidade egoica de controle racional e irracional, as quais, na sua linguagem, eram identificadas como forças do mal. Suas reflexões contribuíram para a construção de uma teoria doutrinária e filosófica sobre o pecado e as dualidades entre o homem e Deus, o bem e o mal, o mutável e o eterno, reflexões viáveis quando o fogo sexual da adolescência se atenua e as capacidades crítico-analítica

---

25 Aristóteles. (1990). *Retórica (II 12)* (pp. 126-127). Centro de Estudios Constitucionales.

e reflexiva são retomadas por um ego mais estruturado. Agostinho diz sobre seus tormentos:

*Quantas vezes, na adolescência, ardi em desejos de me satisfazer em prazeres infernais, ousando até entregar-me a vários e tenebrosos amores! A minha beleza definhou-se e apodreci a vossos olhos, por buscar a complacência própria e desejar ser agradável aos olhos dos homens.*<sup>26</sup>

Os medievos, durante a transição infantojuvenil, tinham comportamentos socialmente caracterizados como flutuantes, inflamados, indisciplinados, abusivos de si, de tudo e de todos.<sup>27</sup> Guibert terá a oportunidade de nos expor suas angústias juvenis.

A pergunta que se faz é: o que há de comum e de diferente entre a concupiscência do jovem descrito por Aristóteles, os pecados vividos por Santo Agostinho, as perturbações noturnas e comportamentais de Guibert de Nogent, os tormentos de nossa adolescência e as aflições de nossos adolescentes? O que os torna tão iguais e tão diferentes?

O estudo da adolescência na Idade Média, exíguo e dificultado pela carência de registros documentais, revela quanto mais se retrocede no tempo, menos os jovens escreviam e se escrevia sobre os jovens.<sup>28</sup> Entretanto, os gregos da Antiguidade já davam grande

26 Santo Agostinho. (1999). *Confissões* (p. 63). Nova Cultural. [*Exarsi enim aliquando satiari inferis in adolescentia et silvescere ausus sum variis et umbrosis amoribus, et contabuit species meã et computrui coram oculis tuis, placens mihi et placere cupiens oculis hominum*]; Idem (1997). *Confessionum L. II* (p. 52). In *Confessioni*. Lorenzo Valla/Arnoldo Mondadori Ed.

27 Pastoureau, M. Os emblemas da juventude: atitudes e representações dos jovens na imagem medieval. In Levi & Schmitt, op. cit., vol. I, pp. 245-263.

28 Jordan, W. C. (2001). Adolescence and conversion in the Middle Ages: A research Agenda. In Signer, M. A., & Van Engen, J. (Dirs.), *Jews and christians in*



importância à Paideia como processo educacional, no preparo dos seus jovens para o ingresso com eficiência, sabedoria e estética na vida societária das cidades.<sup>29</sup>

Na interface histórico-psicanalítica do caso clínico, a narrativa de Guibert estuda a história privada, a biografia, as situações traumáticas e suas repercussões, as articulações entre vários eventos e sistemas internos e externos ao sujeito e seu contexto que, deslocados no longuíssimo tempo, permitem falar de uma mentalidade medieval. Era a presença de outros tempos inseridos na história da subjetividade, do imaginário e da imaginação, condensados no texto e no contexto, objetos desta investigação. Os princípios prescritos pela metapsicologia freudiana facilitam a compreensão dos vários processos presentes nesses fenômenos, perscrutáveis em alguns dos seus aspectos pela análise das relações entre o texto e o contexto, segundo as concepções de Foucault e Guirado.<sup>30</sup>

Costuma-se dizer que o “adolescer” nos tempos atuais se equipara a um segundo nascimento, visto que as ansiedades e muitos dos movimentos psíquicos dessa fase da vida são inerentes ao início da vida psíquica e reeditados com grande intensidade durante a crise da adolescência. Esse “segundo desafio” é uma oportunidade para a reorganização da personalidade no processo de vir-a-ser adulto.<sup>31</sup> O primeiro desafio está no ato de nascer e sobreviver, período de angústias extremas que, uma vez superadas, possibilitam o desenvolvimento do ser. Os mecanismos primitivos da mente e suas vivências são preservados na memória inconsciente, recalçados ou

---

*twelfth-century Europe* (pp. 77-93). University of Notre-Dame Press, obra que não pudemos consultar.

29 Jaeger, W. (1995). *Paideia – a formação do homem grego*. Martins Fontes.

30 Foucault, M. (1998). *A ordem do discurso*. Edições Loyola; Guirado, M. (2000).

*A clínica psicanalítica na sombra do discurso*. Casa do Psicólogo; Idem (1995). *Psicanálise e análise do discurso*. Summus.

31 Ferrari, A. B. (1996). *Adolescência – o segundo desafio*. Casa do Psicólogo.

reprimidos, e, em determinadas condições psico-históricas, podem se manifestar na conduta humana, como nos casos de fixação, regressão, trauma, fragilidade egoica, somatização etc.

Os conhecimentos atuais das Ciências Biológicas e Humanas levam a pensar que há uma tendência a aceitar a existência de interferências recíprocas entre fatores externos e a genética na constituição do sujeito psíquico, dos quais o aleatório e o imprevisível também fazem parte. O processo histórico está sempre presente na configuração do sujeito psíquico, mas as transformações que ocorrem num e noutro têm velocidades e intensidades diferentes. Algumas são muito rápidas, transformam-se como as mudanças na moda, outras são muito lentas, de longuíssima data, e podem adquirir um caráter atemporal, como se fossem a-históricas, permanentes e imutáveis. O inconsciente capta e registra na memória as diversas influências dos processos psico-históricos, à semelhança das correntes marítimas que percorrem as profundezas dos oceanos, com temperaturas, velocidades, intensidades e direcionamentos variáveis, que repercutem na superfície e interferem nas manifestações conscientes.

Fenômenos que nos levam a concordar com a ideia de que

*A forma pela qual um rei assírio reage à destruição de seu reino é exatamente igual à forma pela qual um rei moderno, um chefe de Estado ou governo moderno reage. As grandes reações observáveis no curso da história, no que diz respeito a motivações fundamentais da psicologia humana, permanecem absolutamente constantes.*<sup>32</sup>

---

32 Jaguaribe, H. (12 set. 1999). Um estudo crítico da história. Caderno Mais. *Jornal Folha de S.Paulo*, p. 5. Ver também, Idem (2001). *Um estudo crítico da história*, vol. I (pp. 29-62). Editora Paz e Terra.

A expressão “absolutamente constante” é o que estamos chamando de a-histórica ou atemporal. A mentalidade enquadra-se entre aquelas manifestações que variam tão lentamente que só podem ser percebidas voltando-se o olhar para o passado longínquo. A adolescência, sugerimos, enquadra-se nessa condição. As variações são resultantes configuradas como expressividade da relação histórica entre o psico-físico e o contexto.

### *A narrativa autobiográfica*

Guibert de Nogent, em sua narrativa, nos oferece a possibilidade de alcançar significados e significantes simbólicos conscientes e inconscientes apreendidos dos relatos e das reflexões que faz de sua vida cotidiana. No plano pessoal, emergem amores, ciúmes, paixões, agressões, invejas, traições, julgamentos, lutas pelo poder, rivalidades familiares, em meio a um mosaico de identidades daqueles que habitam seu mundo interior. No coletivo, estão os códigos éticos e simbólicos das instituições, da cultura, da religião, da economia, da política de sua região e do seu tempo. Aristóteles, na *Poética*, já havia declinado as formas de manifestação do homem na mimese, imitação ou representação do real na arte literária, ou seja, a recriação da realidade, se poesia, tragédia, história ou mito, por meio da catarse dos sentimentos e da recuperação de aspectos da memória histórica.<sup>33</sup>

As autobiografias na Idade Média eram formas isoladas de expressão até alcançarem a condição de expressão da vivência e da singularidade de cada indivíduo para se tornarem um gênero literário. Elas expressavam uma experiência histórica narrada por um processo sistemático saído dessa mesma experiência – processo que permitia alcançar conceitos históricos e favorecia a

---

33 Aristóteles. (1966). *Poética* (pp. 71-96). Editora Globo.

compreensão do desenvolvimento da individualidade humana por meio da utilização de um método psicológico. Recorrendo a elas, podemos alcançar a compreensão da vida espiritual graças ao encontro de conexões com a história do espírito realizada no processo de autorreflexão e de individuação presentes nesse gênero de narrativa. É um olhar psicológico que parte da totalidade vivida da vida, mediante a qual o sujeito abraça seu conteúdo individual, vivências, hábitos, crenças, moral, religiosidade, identidade, entre outros elementos projetados na tela da narrativa. É uma reflexão do indivíduo sobre seu próprio processo de desenvolvimento e uma tentativa de compreensão da relação com a vida, dentro de uma época e cultura.

A narrativa autobiográfica adquire características de gênero literário específico pela sua sistematização após 1760, com Rousseau, visto como um marco nesse gênero ao publicar *Confessions*, *Les rêveries* e *Rousseau juge de Jean-Jacques*. Dentre os fatos históricos, as narrativas biográficas e autobiográficas são as que mais sensibilizam, posto que permitem que conheçamos a natureza do homem e de sua sociedade refletida na

*leitura das vidas particulares para dar início ao estudo do coração humano; porque, então, por mais que o homem se esconda, o historiador o segue por toda a parte; não lhe dá nenhum momento de descanso, não lhe deixa nenhum recanto para evitar o olhar pesquisador do espectador; e é quando um pensa mais bem se esconder, que o outro o faz mais facilmente reconhecível.*

Rousseau identificou a importância da compreensão da natureza humana para melhor entendimento das ações e pensamentos que mobilizam o indivíduo na organização de suas manifestações comportamentais, cognitivas e afetivas: “o gênio dos homens em

sociedade ou dos povos é muito diferente do caráter do homem em particular”; todavia, acrescentou, “seria conhecer muito imperfeitamente o coração humano não o examinando também na multidão”. Para julgar os homens, continua o autor, é preciso começar por estudar o homem, uma vez que “quem conhecesse perfeitamente as inclinações de cada indivíduo poderia prever todos os seus efeitos combinados no corpo do povo”.<sup>34</sup>

Não se pode afirmar que houve na Idade Média um gênero literário autobiográfico.<sup>35</sup> Existem alguns textos de que se tem conhecimento: *Confissões*, de Santo Agostinho, *De vita sua*, de Guibert de Nogent, e *La conversion de Hermann le Juif*, de Jean-Claude Schmitt, que transmitem aspectos da vida interior desses autores, correspondendo ao que conhecemos hoje como gênero autobiográfico.

Guibert, como autor, é considerado um dos precursores do método histórico moderno: portador de grande probidade científica, indica a procedência e o grau de credibilidade dos dados referidos, faz o exame livre e crítico de suas ideias, expostas em sua obra *De pignoribus sanctorum*, um tratado sobre as relíquias dos santos, entre 1119 e 1120. Anedotas, visões, textos impregnados de mitos populares, em que o narrador imperturbável parece não conhecer nenhum ceticismo. Possuidor de uma escrita refinada e elegante, frases cuidadas e vocabulário exigente, trata com humor questões conjunturais e relativas aos seres humanos. Tem gosto pela ironia. Seus relatos são tomados como testemunhos por historiadores de várias épocas. É “o informante que mais revela de si mesmo para aquele que deseja entender o desenvolvimento da personalidade

34 Rousseau, J. J. (1968). *Emílio ou da educação* (pp. 271-272). Difusão Europeia do Livro.

35 Misch, G. (1950). *A History of autobiographie in Antiquity*, vol I. Routledge & Kegan Paul Limited; Misch, G. (1955). Idade Média até o século XIII, vol. II; Zink, M. (1985). *La subjectivité littéraire – Autour du siècle de saint Louis*. Puf.

na Idade Média”.<sup>36</sup> Ele relata nascimento, infância, adolescência e entrada na vida adulta.

*Monodiae*, denominação dada por Guibert de Nogent ao seu livro, é extraído do grego e se refere a uma pessoa que canta sozinha (em latim *sicinium*, solo). Os primeiros extratos latinos desta obra surgiram com Duchesne, em 1631. A primeira edição latina completa de que se tem conhecimento foi publicada pelo beneditino de Saint Germain-des-Près, Dachery, em 1651. Todavia, não existe um manuscrito original, resultando na seguinte afirmação: “só me foi possível encontrar uma única cópia escrita por uma mão elegante, mas relativamente recente. Infelizmente ela contém muitos erros...”. Dachery fez correções que se impunham e outras frutos de sua engenhosidade de espírito. Deixou parte de frases ininteligíveis e pulou, inexplicavelmente, várias passagens. Podemos indagar se tais falhas e omissões resultaram de censuras inconscientes ou voluntárias sobre trechos dos relatos de Guibert, mormente aqueles de cunho trágico, violento, de natureza sexual, denúncias de delitos que atingiam interesses da Igreja ou de outros setores.<sup>37</sup>

A primeira tradução francesa ocorreu em 1823, realizada por Guizot e colaboradores, numa coletânea de memórias relativas à história da França, desde a fundação da monarquia até o século XIII. O tradutor fez comentários sobre as dificuldades de tradução e as lacunas existentes no texto.

Em 1823, *Lettres sur l'histoire de France* são publicadas por Augustin Thierry, que revela que *De vita sua* é uma importante fonte sobre a história das comunidades no norte da França. *De vita sua* foi reimpressa com as falhas da edição de Dachery e outras falhas

36 Benton, J. (1970/1971). The personality of Guibert de Nogent. *Psychoanalytical Review*, LVII, 563-586.

37 Dachery, L. Cf. Labande, E. R. (1981). In Nogent, G. *De Vita sua – Autobiographie* (pp. XXIII-XXV). Société D'Édition Les Belles Lettres.

da impressão feita por Migne, em 1853, na *Patrologia latina*.<sup>38</sup> Em 1896, Gabriel Monod resgatou os trabalhos de Guibert e, em 1904, Bernard Monod, filho de Gabriel, publicou uma tese sobre Pascal II e Filipe I, abordando aspectos da obra *De vita sua*.

A primeira edição crítica de *De vita sua* – provável continuidade do projeto de Bernard Monod – é realizada por Georges Bourgin em 1907, constituindo um progresso incontestável sobre o estudo anterior, uma vez que abre novos espaços para os estudos sobre a história da França e seus desdobramentos.

John F. Benton, em 1970, publica a edição revisada para o inglês, com extenso e profundo trabalho de pesquisa histórica e análise psicanalítica, denominada *Self and society in medieval France*.<sup>39</sup>

Em 1981, surge a edição de Labande, *Autobiographie – De vita sua*. O editor justifica as razões dessa nova edição: esvaziamento da edição precedente e imperfeições inevitáveis das edições anteriores. Sua grande contribuição está no fato de o texto ser a primeira edição latina acompanhada de tradução meticulosa para o francês, realizada por um historiador respeitado. Essa tradução para o francês torna o texto acessível e amplia a gama de estudiosos a se interessarem por ele, uma vez que a língua de Guibert traz dificuldades notórias e tornaria praticamente impossível a realização deste trabalho.

Em 1996, Archambault publicou *A monk's confession – the memoirs of Guibert Nogent*, obra na qual faz comentários críticos à tradução de Benton, com base nos textos latino e francês publicado por Labande.<sup>40</sup>

---

38 Migne. (1853). *Patrologia latina*, vol. CLVI.

39 Benton, J. (1970). *Self and society in medieval France. The memoirs of Abbot Guibert of Nogent*. Harper & Row.

40 Archambault, P. J. (1998). *A monk's confession – The memoirs of Guibert of Nogent*. The Pennsylvania State University Press.

Schmitt revela que o título da obra *De vita sua* é uma criação dos editores modernos ao título original dado por Guibert, *Mono-diae*, traduzido como *Autobiographie* e *Memoirs* em francês e em inglês, respectivamente.<sup>41</sup>

A *Autobiographie* revela a sensibilidade de um homem que estabelece profundo contato com seu mundo interior e que retrata com preciosa capacidade de observação e crítica fatos que lhe ocorreram na sociedade em que vivia. Labande o considera um memorialista e pondera que o autor introduziu novos métodos de investigação: suas informações são fundamentadas sobre o escrito, a tradição oral e a coleta de dados arqueológicos, além de emitir pareceres sobre seus objetos de investigação. Guibert informa, observa, relata, reflete, conclui, mobiliza o leitor a reagir, a se interpor nas situações, a se inquietar. Descreve com detalhes suas opiniões sobre os sentimentos e sofrimentos maternos, especificamente em relação à sexualidade de sua mãe e aos controles e qualidades morais que a acompanharam desde o início do seu casamento, mobilizando no leitor profunda impressão. Relata o casamento de seus pais, ocorrido em 1040: ela com 12 anos de idade, limite mínimo permitido à mulher para estabelecer o ato conjugal segundo as leis canônicas e laicas; a idade do pai não é conhecida, mas casou jovem. A fase inicial desse casamento foi tumultuada. Évrard, pai de Guibert, pertence à aristocracia de segunda categoria e é cavaleiro do castelo de Clermont-en-Beauvaisis. A mãe de Guibert é filha do protetor do mosteiro Saint-Germer-de-Fly, homem importante e poderoso, um grau acima do pai de Guibert na hierarquia. Como a comprovação pública do ato conjugal, o lençol manchado de sangue, demora para acontecer, surgem insinuações, boatos e rumores diversos relativos à virilidade desse homem, e temores que ameaçam questões de linhagem e poder. Uma das interpretações

---

41 Schmitt. *La conversion d'Hermann le juif*, op. cit., p. 81.



correntes diz que a não consumação do ato carnal é vingança. Bruxaria perpetrada pela madrasta de seu pai, frustrada e invejosa, porque o enteado não se casara com uma de suas sobrinhas.<sup>42</sup>

Àquela época, um casamento sem filhos era duvidoso quanto à sua validade, uma vez que não produz herdeiros e não apaga o fogo sexual, a concupiscência da juventude. Diante desse fracasso, os pais de Guibert são orientados a entrar para a religião, irem ambos para um convento, para preservar a união consagrada por Deus. Evrard recusa essa ideia. Tenta-se outro caminho legal, autorizado pela Igreja: a separação de corpos. A impossibilidade de o homem conhecer sua mulher no leito conjugal permite que o ato matrimonial seja anulado pela Igreja. Outros aconselham-no a procurar outra parceira como concubina. Bigamia? Não. O concubinato seria tolerado, pois havia dúvidas quanto ao fato de esse homem estar ou não casado na realidade, visto que, pela legislação eclesiástica, o ato carnal ainda não se consumara. E, de acordo com os costumes da época, “A concubinação subsistia intensamente em nível inferior ao casamento autêntico”, pois interesses de herança estavam em jogo.<sup>43</sup> Assim, nasce um filho bastardo, que logo veio a falecer.<sup>44</sup>

Entre essas e outras questões, desconhecem-se as motivações que teriam levado Guibert a produzir sua autobiografia, escrita ao redor dos 60 anos, entre 1114 e 1117. A obra está dividida em três partes. A primeira (*Libellus primus*, como Guibert a denomina) é propriamente autobiográfica e, sobre ela, aplicamos o método histórico-psicanalítico devido à sensibilidade e à riqueza de aspectos emocionais ali revelados. Guibert é prioritariamente o sujeito e o objeto da narrativa e oferece precioso material histórico do

---

42 Idem, pp. XV-XXIII.

43 Duby, G. (1988). *O cavaleiro, a mulher e o padre* (pp. 104-105). Publicações Dom Quixote.

44 Benton. *Self and society in Medieval France*, op. cit.; Labande. In Nogent, G., *Autobiographie*, op. cit., pp. XXIII-XXV.

imaginário e da mentalidade medievais. Inúmeros aspectos da estruturação da identidade, da personalidade, das relações familiares, do processo educacional, dos conflitos e culpas, das angústias, dos valores éticos e morais, dos sonhos, das crenças, dos ritos e dos mitos, conscientes e inconscientes são transmitidos na narrativa. A primeira parte contém 26 capítulos, de uma a três páginas cada, e corresponde a 42% do total do documento; ela recobre o período de 1055 a 1104 (páginas 3 a 209, pares latinas – ímpares versão francesa).

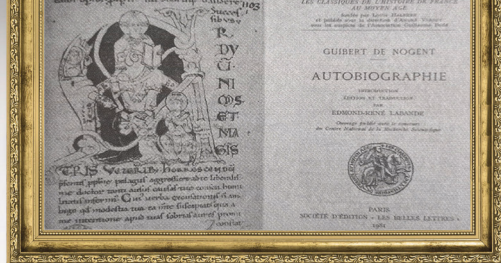
A segunda parte trata das origens de Nogent, da criação do monastério e seus primeiros abades, da morte de sua mãe, de histórias que envolvem monges e manifestações diabólicas. No *Libellus tertius* descreve eventos histórico-políticos que envolvem Laon e seus religiosos como eleições, nomeações, destruições e assassinatos. Diversos milagres são relatados e atribuídos às relíquias vindas a esse monastério, para reparar a destruição ocorrida pela revolução urbana. Porém, esta análise restringiu-se a observar apenas as características histórico-psicanalíticas que pudessem caracterizar e influenciar o período de transição da infância para a idade adulta do nosso protagonista.

### *Atividade simbólica – memória – transmissibilidade*

A análise histórico-psicanalítica da narrativa implica a investigação da atividade simbólica do homem Guibert, a detecção das imagens representativas das motivações e fantasias inconscientes que constituem as mentalidades, os imaginários, as crenças, as utopias, os sonhos, as estruturas fundamentais da psique em sua relação temporal com a sociedade e a cultura, da qual emergem vivências inconscientes, representações imagéticas de pulsões.<sup>45</sup> O caráter

---

45 Franco Júnior, H. O fogo de Prometeu, op. cit., pp. 73-116.



*É bastante interessante* acompanhar esse cenário inusitado habitado por um analista inovador, dotado de uma escuta sensível, e por um paciente muito especial: um monge beneditino do norte da França, falecido há mais de 900 anos. Trata-se de uma experiência singular, ausente em todos os consultórios do mundo em qualquer época, que levanta consideráveis problemas epistemológicos. Sem a pretensão de utilizar ou criar um método que, de forma sóbria, pudessem ser considerados universais, o autor, com base no material teórico da psicanálise e da historiografia, nos conduzem por uma fascinante aventura: penetrar na intimidação de um monge do século XII.

*Hilário Franco Jr*

*Professor aposentado do Departamento de História Social da USP.*

*Autor de: Em busca do paraíso perdido – as utopias medievais*



ISBN 978-85-212-2586-7



9 788521 225867



[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

**Blucher**



Clique aqui e:

**VEJA NA LOJA**

## Um monge no divã

A trajetória de um adolescente na Idade Média Central

---

David Léo Levisky

ISBN: 9788521225867

Páginas: 420

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2025

---